

COLEÇÃO

***EU CONTO, TU CONTAS, NÓS
CONTAMOS: HISTÓRIAS SOBRE
O GRUPO ESCOLAR RURAL
USINA BANDEIRANTES***

A photograph of a young green plant with several leaves growing out of a field of dry, brown grass. The background is a soft, out-of-focus sunset or sunrise, with a warm orange and yellow glow. The plant is positioned on the left side of the frame, and the overall scene is peaceful and natural.

***GRASIELLY DOS SANTOS DE SOUZA
MIRIAN MARIA ANDRADE GONÇALEZ***

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
Campus Londrina/Cornélio Procópio
Programa de Pós-Graduação/ Mestrado Profissional em
Ensino de Matemática- PPGMAT

12/2019 (1ª versão)


TERMO DE LICENCIAMENTO

Este Produto Educacional está licenciado sob uma Licença Creative Commons *atribuição uso não-comercial/compartilhamento sob a mesma licença 4.0 Brasil*. Para ver uma cópia desta licença, visite o endereço <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/> ou envie uma carta para Creative Commons, 171 Second Street, Suite 300, San Francisco, Califórnia 94105, USA.



ILUSTRAÇÕES

MÁRCIO DOS SANTOS
GRASIELLY DOS SANTOS DE SOUZA



A imagem utilizada nessa página e em demais páginas está disponível na internet e é de uso livre, no link:

<https://images.app.goo.gl/VXajEN2zPTMCGMa78>

APRESENTAÇÃO

Essa coleção é composta por três livretos que contam uma(s) história(s) da educação rural local da região Norte do Estado do Paraná, especificamente sobre o Grupo Escolar Rural Usina Bandeirantes do município de Bandeirantes.



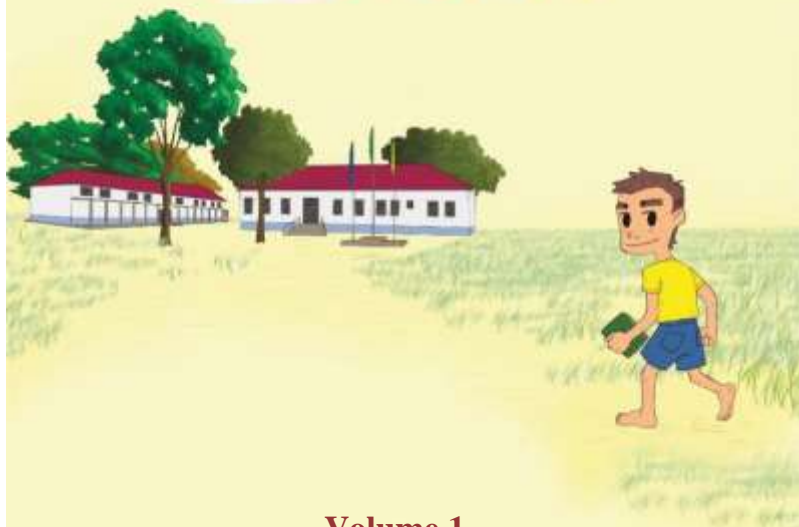
**"É UM DIZER SOBRE AQUILO QUE
OUTRO DIZ NA SUA ARTE, E NÃO UM
DIZER DESSA ARTE"**

(CERTEAU, 1994, P. 151)¹

¹ CERTEAU, Michel. A invenção do cotidiano: artes do fazer. Petrópolis: Editora: Vozes, 1994.

Grasielly dos Santos de Souza
Mirian Maria Andrade Gonçalves

O HINO, O SERMÃO E A ORDEM DO DIA



Volume 1

SUMÁRIO

Travessias Escolares6

Uma Educação para todos 12



APRESENTAÇÃO

Caro(a) Leitor(a),

Esse livreto faz parte do Produto Educacional: “Eu conto, tu contas, nós contamos: histórias sobre o Grupo Escolar Rural Usina Bandeirantes”, que compõem a pesquisa de mestrado intitulada: “Da fuligem à Edificação do Grupo Escolar Rural Usina Bandeirantes: narrativas que contam história(s).”



O livreto é composto pelas histórias e memórias de alunos que vivenciaram o Grupo Escolar Rural Usina Bandeirantes, tal escola compõe o cenário educacional rural. Por meio de suas vozes conseguimos conhecer os traços de uma cultura escolar da década de 1940.

Vozes que estampam um chão, um lugar, uma escola. Num campo assim, de várias memórias, registradas em vários textos inscreve-se essa história.



TRAVESSIAS ESCOLARES

Dúlcinéia Zanardo

Eu sou a Dulcinéia, estudei no Grupo Escolar Usina Bandeirantes na época de 1967 até 1971.

Eu estudei todo o primário, estudei da 1ª a 4ª séries. Eu entrei na escola com 5 anos! Naquela época, nós morávamos no sítio, no bairro Sussego¹, esse sítio ficava um pouco distante da Usina. Meus pais tinham um vínculo com a Usina, eles sempre trabalharam com a plantação de cana-de-açúcar. Todas as manhãs eu ia para a escola, às vezes, eu ia a pé, às vezes, de trator, isso quando meu pai liberava o trator para meu irmão, aí ele nos levava.

Aquele Grupo Escolar era um lugar bem agradável! No Grupo havia um pátio todo calçado, eu lembro certinho!

1 Bairro Sussego é um bairro localizado na zona rural do município de Bandeirantes-PR e dista a 5km da zona urbana.

Era um Grupo muito bonito! O chão dos corredores era de pisos vermelhos extremamente brilhosos, limpo, limpo e limpo! Bem no meio desses corredores tinha uma passarela e nós só podíamos pisar nessa passarela, E todos nós obedecíamos! Para sair da sala de aula, não importa para o que, tínhamos que formar a fila, tudo passando só pela passarela. Naquela época já havia energia elétrica e água encanada, não tinha ventilador nas salas, naquele tempo nós nem lembrávamos que existia calor!

No Grupo Escolar tinha 4 salas de aulas. Tinha a sala dos professores, a sala da diretora. Na sala da 1ª série as carteiras eram individuais, depois na sala da 2ª série e da 3ª série, eram carteiras duplas, sentavam dois alunos em cada carteira, e na 4ª série eram carteiras individuais, eram aquelas carteiras fixas. As salas de aulas eram bem grandes!

O material escolar daquele tempo, não tinha nada de especial, era um material bem simples, era o essencial para

ir à escola. O material era básico! Livros, cadernos, lápis, borracha. Na época de alfabetização utilizamos a cartinha “Caminho Suave”, depois durante as outras séries utilizamos alguns livros, normalmente era meu pai que os comprava. Caso acabasse algum material, como lápis, por exemplo, a Dona Ruth pegava com muito carinho os alunos, e levava até a sala dela, aí ela dava um lapisinho e ela dizia: “agora você pede para o papai comprar”, eu me recordei muito bem disso!

A diretora do Grupo Escolar era a Dona Ruth, ela era muito exigente! Dona Ruth era muito enérgica com quem era mal educado. Não posso reclamar dela, ela era muito bacana comigo! Tenho boas lembranças dela, a Dona Ruth cuidava muito bem do Grupo Escolar, a vida dela era aquele Grupo Escolar!

Naquele tempo não existiam professoras diferenciadas, era uma professora para cada turma, uma professora dava todas as disciplinas. As professoras, que eu

me lembro, é a Dona Luzia, que me deu aula na primeira série, depois a Dona Nathalia, eu tive aula com ela dois anos, e, por último, a Dona Takiko. Era um ensino bem tradicional e simples! Nós sentávamos na carteira e a professora passava tudo no quadro, depois a professora explicava o conteúdo. Se alguém tivesse alguma dúvida era só perguntar, mas, eu nunca tive problema com relação à aprendizagem.

Os conteúdos que nos ensinavam eram bem básicos. Em matemática ensinavam as contas, a tabuada. Era isso! Muita leitura! Não havia nenhuma atividade prática agrícola, como o cultivo de uma horta ou um pomar, não tinha essas coisas, era tudo muito básico mesmo! Também não se abordava nada sobre a Usina de açúcar, como eram industrializadas, não tinha essas coisas.

Esse fato é muito interessante, é que quando nós éramos crianças, o portão de entrada da Usina ficava sempre aberto, e podíamos entrar e sair quando

quiséssemos. Então, a gente entrava, subíamos nas esteiras do açúcar, nós comíamos o açúcar direto da bica. Entrávamos e saíamos à hora que bem queríamos, era assim que nós conhecíamos a Usina, nós entrávamos e íamos olhando tudo, passeando.

Com relação à merenda, como eu estudava de manhã, o lanche era bem básico, não tinha nada diferenciado, havia uma merendeira que cozinhava, às vezes, tinha uma sopinha, às vezes, era aveia, às vezes, nós mesmos que levávamos nosso lanche.

Agora, se existia uma coisa naquele Grupo Escolar, eram as regras! E nós com toda certeza as cumpríamos todas, porque, era exigida uma disciplina bem grande! Na hora de cantar o Hino Nacional realmente tínhamos que cantar! Tinha a postura correta, não podia mexer na fila, poderia passar um mosquito na sua frente e você tinha que deixar o mosquito porque não podia erguer a mão, era muito rigoroso!

Havia castigos para as crianças mal educadas, se respondia a professora, brigava, ou não fizesse as tarefas, ficava de castigo. O castigo para quem fizesse alguma arte era ficar em pé atrás da porta, na minha época não tinha que ficar de joelhos no milho e também não tinha a palmatória. Mas tinha o castigo, às vezes, a professora deixava sem tomar lanche, às vezes, sem sair da sala de aula, mas, o que se mais aplicava era de ficar em pé atrás da porta. Naquela época todas as crianças eram tratadas do mesmo jeito, não é como agora que os alunos têm distúrbios e cada um é tratado diferente. No Grupo escolar não tinha diferenciação era tudo com muito rigor. Nós tínhamos que obedecer e estudar, esse era o nosso único direito, estudar e obedecer!

Os momentos mais marcantes do Grupo Escolar eram os desfiles e as formaturas, porque, naquele tempo as famílias levavam tudo muito a sério. As mães tinham um capricho para arrumar adequadamente os filhos, se vestiam para as ocasiões com muito respeito, não só os alunos, mas,

a família toda! Na minha família sempre foi dessa forma, tudo isso deixou muita saudade!

As figuras marcantes do Grupo Escolar, em primeiro lugar foram a Dona Ruth, que foi a diretora do Grupo Escolar por muitos anos, sempre foi ela até sua morte. Ela foi uma pessoa que tenho uma extrema gratidão, as professoras da época, até hoje quando encontro elas me reconhecem.

Aquele Grupo Escolar chamava muita a atenção, porque era da nossa comunidade! Foi construído para nós! Era uma escola modelo! Pena que hoje não funciona mais.

UMA EDUCAÇÃO PARA TODOS

Sidney Ormenezze

Waldemi Medeiros

Sidney: Eu entrei no Grupo Escolar com 6 anos foi em 1970, estudei até a 3ª série.

Waldemi: Eu comecei a estudar com 6 anos também, foi no ano de 1969, eu estudava de manhã, estudei do “prézinho” à 4ª série. Era só esse estudo que tinha naquela época no Grupo Escolar.

Sidney: Antes de eu entrar na 1ª série eu fiz o “prézinho”. A professora era a Dona Ida, eu estava com 6 anos, o “prézinho” não tinha uma sala de aula, as aulas eram no pátio do Grupo, colocava um monte de cadeirinhas, não tinha as carteiras, apenas as cadeiras para nós sentarmos, o quadro ficava pendurado na parede e a Dona Ida lecionava as aulas e ficava ensinando a fazer desenhos e a pintar.

Waldemi Naquele tempo não havia meio de transporte escolar lá, nós íamos a pé, uns os pais levavam, outros iam sozinhos ou com os irmãos mais velhos.

Sidney: O Grupo Escolar ficava no meio da colônia, as casas ficavam em volta da escola. As professoras eram a prefeitura que pagava, as zeladoras e as merendeiras eram a Usina que pagava, era um convênio entre a prefeitura e a Usina.

Waldemi: O Grupo Escolar tinha 4 salas de aula, um pátio que na hora do recreio nós brincávamos, tinha uma cozinha separada, os banheiros. Do outro lado da escola tinha um gramado verde, que era nossa área de lazer. Nesse gramado nós brincávamos. O Grupo era cercado de muro com um portão bem na frente, esse portão ficava trancado por cadeado. A escola era muito boa, bem prendada, era tudo muito limpo, o chão brilhava. Em frente à escola passavam aqueles caminhões de cana, subia aquela poeira, mas na escola nunca achava uma poeira, era muito limpo! As salas

de aulas eram bem grandes, tinha as carteiras, um quadro negro, o apagador e a mesa da professora.

Sidney: Ao lado do Grupo Escolar tinha uma escada e do lado ficava o mastro da bandeira, era ali que cantávamos o Hino Nacional e hasteávamos a bandeira. Naquele tempo as aulas eram boas, naquele espaço tinha uma educação, os alunos não faziam bagunça!

Waldemi: Antigamente as professoras davam aulas por amor, se um aluno não estivesse entendendo a matéria ela chamava a mãe para conversar. Tinha reprova se não sabia reprovava. As aulas não eram severas, mas era uma aula bem enérgica. Geralmente quando era aula normal a professora passava tudo no quadro manuscrito, nós tínhamos que copiar tudo no caderno, nas aulas de português, às vezes, quando era ditado, citar verbo ou decorar os verbos era tudo oral, não passava no quadro. A professora falava uma frase, por exemplo: “José foi à cidade comprar arroz”, aí ela perguntava: “Qual o tempo

está à frase: presente, passado ou futuro?” E assim nós íamos respondendo e aprendendo.

Sidney: As crianças eram muito bem alfabetizadas!

Waldemi: As aulas de antigamente era tudo na raça, quem possuía aquele ensino de 1^a a 4^a séries era a mesma coisa que ter feito uma faculdade. Naquele tempo, nosso material escolar era um lápis, uma borracha e um caderninho, colocava esse material dentro da bolsa. Nossa bolsa era feita de saco de açúcar e íamos para a escola. O livro e a cartilha nossos pais não compravam, a escola fornecia e precisava ter um cuidado, uma limpeza com a cartilha e o livro, porque de um ano passava para o outro, então não podia estragar, nem riscar. Eu lembro, a cartilha chamava “Caminho Suave”. Na escola tínhamos um caderno de caligrafia, todos tinham uma letra espetacular, bonita! Como eu possuo deficiência nas mãos, quando minha mãe foi me matricular no Grupo, a diretora, Dona Ruth, falou para minha mãe que não era possível eu estudar

no Grupo, que eu precisava de uma escola especial e no Grupo não tinha recursos. Mas a assistente social, que fazia visitas nas casas, falou que eu tinha que ir para a escola. Essa assistente social que me ensinou a pegar no lápis para escrever, então eu fui para o Grupo, eu precisei me virar, as crianças escreviam com a mão e eu com o braço, esse foi o jeito que eu encontrei para poder aprender a escrever.

Sidney: Não havia uniforme. A própria roupa do corpo ia estudar, era coisa simples: um shorts, uma camiseta e um chinelo.

Waldemi: Uniforme era a roupa que usávamos no dia-a-dia mesmo, um shorts feito de saco de açúcar, minha mãe, para enfeitar um pouco, colocava um suspensório feito de elásticos no shorts (risos), mas era tudo bem limpo, não podia ir para a escola sujo, a Dona Ruth fazia voltar embora. Quando nós chegávamos à escola, batia o sino para fazer a fila no pátio para cantar o hino nacional, depois a Dona Ruth inspecionava nossa roupa, nossa higiene, se

estivesse alguma coisa irregular ela mandava voltar embora.

Sidney: A diretora, todos os dias, ia sala por sala contar os alunos e ver quem estava faltando, ela marcava o nome de quem faltou e ia à casa do aluno saber o motivo do aluno ter faltado. Se não estivesse doente, a diretora levava a criança para escola, ela pegava na mão e levava para o Grupo Escolar.

Waldemi: Naquela época nossos pais eram obrigados a justificar quando não íamos para o Grupo Escolar.

Sidney: Às vezes mandava um bilhete escrito, mandava alguma criança entregar para a diretora, agora se não justificasse a diretora aparecia na casa para buscar o aluno. A Dona Ruth foi uma boa diretora!

Waldemi: Naquela época ensinava matemática, português e ciências eram isso, contar, escrever e ler era isso que tínhamos que saber.

Sidney: No Grupo havia uma rotina, todo dia antes de entrar na sala de aula, batia o sino, a Dona Ruth saía no pátio e dava um grito. Nesse momento nós já sabíamos que tínhamos que formar a fila, uma fila reta, alinhada, não podia ficar torta. Então, cantávamos o Hino Nacional, hasteávamos a bandeira, a Dona Ruth fazia a vistoria de higiene nos alunos e depois entrávamos para a sala de aula, essa era a rotina.

Waldemi: Uma coisa que havia no Grupo eram as regras. Meu Deus do céu!

Sidney: Hora de sair para o recreio, tocava o sino, nós tínhamos que sair tudo em fila, sala por sala, para entrar na sala de aula, fila, tudo fila, e ainda, no corredor havia uma passadeira no chão de uns 80 centímetros de largura, nós passávamos em cima dessa passadeira, um por um, não podia pisar fora, se pisasse fora voltava para o final da fila, o chão desse corredor brilhava.

Waldemi: Havia regra para tudo! Para pegar merenda, não podia repetir antes de todos já ter pegado. Para brincar havia regra, no Grupo tinha um pátio bem grande, a regra era: menina brinca com menina, menino brinca com menino, não podia brincar juntos. Então o pátio era separado por uma faixa no chão, de um lado meninas, do outro os meninos, quem ultrapassasse a faixa ficavam de castigo, as professoras ficavam igual sargentos olhando. Havia bastante castigos no Grupo Escolar. Naquele tempo se fazíamos algumas coisas fora das regras da escola, ficávamos de castigo: ajoelhar no milho, ficar sem recreio, ficar na escola fazendo dever depois que todos iam embora, ficávamos na sala de aula, quando fazíamos algo de errado tinha um castigo de escrever. A Dona Ruth escrevia no quadro “Eu não devo fazer isso” ou “Eu não devo falar isso”, tínhamos que copiar essa frase 100 vezes no caderno. Os castigos eram esses. Mas o ensino era muito bom!

Sidney: A diretora Dona Ruth era severa, quando ela chamava nosso nome chegava a arrepiar, só de ver ela nós

tremíamos, nós obedecíamos, nós obedecíamos mais ela do que nossos pais.

Waldemi: As provas eram assim, nas provas de matemática era fazer as contas de dividir, somar, multiplicar; nas provas de português era conjugar verbos.

Sidney: As provas eram feitas em papel almaço, não tinha aquelas máquinas de impressão, era tudo escrito à mão, a professora passava no quadro, tínhamos que copiar as perguntas para depois resolver.

Waldemi: Havia prova oral, mas era na sala da diretora. A Dona Ruth que aplicava, a primeira coisa que perguntava era a tabuada.

Sidney: Havia prova de leitura, a professora colocava um texto no quadro, mandava um aluno começar a leitura, do nada ela pedia para outro continuar, tinha que prestar muita atenção. No Grupo Escolar fazia muitas festas, festa junina, nos dançávamos quadrilha (risos). Chegava fim do ano os

melhores alunos ganhavam prêmios, coisa simples sabe, mas quem ganhava ficava numa felicidade.

Sidney: Cada sala de aula fazia uma apresentação, tudo bem arrumado, era uma coisa linda!

Waldemi: A figura marcante do Grupo escolar é a Dona Ruth, ela contribuiu para nossa educação!

Sidney: Sem dúvidas é a Dona Ruth, para todas as pessoas daquele Grupo ela era segunda mãe, havia um respeito muito grande por ela. No Grupo Escolar éramos uma família! (lágrimas).

Waldemi: Na nossa infância, nós não tínhamos nada, não tínhamos nada, tínhamos o Grupo Escolar, ali era nosso lugar, fazíamos de tudo e aprendíamos de tudo.

Sidney: Nós tínhamos que ir para o Grupo Escolar e estudar!

Waldemi: Aquele espaço era nosso. Uma maior felicidade!


Sidney: Eu tenho saudades! A saudade vai matando até hoje! (lágrimas). Aquele Grupo Escolar foi para nós o maior cenário do mundo. Aprendíamos de tudo lá.

Waldemi: As maiores partes da nossa infância viveram ali no Grupo Escolar. Naquele espaço aprendemos um caminho de vida, aprendemos a ser humano, o que aprendíamos em casa no Grupo era acrescentado com muita sabedoria.

O cenário é construído pelas vozes que ecoam vozes essas repletas de lembranças, de situações inusitadas, complicadas e conflitantes. Fazem parte dessa história as enunciações da memória do que os alunos dizem ter vivido. Assim, a partir das vozes o cenário vai ganhando forma, contornos, traços e cores.



Grasielly dos Santos de Souza
Mirian Maria Andrade Gonçalves

An illustration of a classroom. At the top, three framed pictures hang on a light green wall. Below them is a yellow horizontal band. The main part of the wall is a dark green chalkboard with the title 'OFÍCIO DE PROFESSORA: A ARTE DA EDUCAÇÃO RURAL' written in white, stylized capital letters. In front of the chalkboard is a wooden desk with a chair. On the desk, there is an open book and a pair of pencils. In the foreground, the backs of two wooden chairs with blue vertical supports are visible.

**OFÍCIO DE PROFESSORA:
A ARTE DA
EDUCAÇÃO RURAL**

Volume 2

SUMÁRIO

Paraná vivo: sua gente, sua cultura, sua escola.....	6
Alicerces da pátria: cartas sobre educação da mocidade.....	21
Da mestre-escola à professora do ensino primário rural.....	32
Retratos escolares de uma professora.....	49



APRESENTAÇÃO

Caro(a) Leitor(a),

Esse livreto faz parte do Produto Educacional: “Eu conto, tu contas, nós contamos: histórias sobre o Grupo Escolar Rural Usina Bandeirantes”, que compõem a pesquisa de mestrado intitulada: “Da fuligem à Edificação do Grupo Escolar Rural Usina Bandeirantes: narrativas que contam história(s).”



O livreto é composto pelas histórias e memórias de professoras que vivenciaram o Grupo Escolar Rural Usina Bandeirantes, tal escola compõe o cenário educacional rural. Por meio de suas vozes conseguimos conhecer os traços de uma cultura escolar da década de 1940.

Vozes que estampam um chão, um lugar, uma escola. Num campo assim, de várias memórias, registradas em vários textos inscreve-se essa história.



PARANÁ VIVO: SUA GENTE, SUA CULTURA, SUA ESCOLA

Hestuco Kawasaky

Eu comecei a lecionar no Grupo Escolar em 1961. Foi assim: em 1960, eu estava no último ano do Magistério, que naquele tempo chamava Escola Normal Secundária, faltava bem pouco para eu terminar esse curso e foi quando eu encontrei com a Dona Diva, que era a diretora do Grupo Escolar da Usina. Ela me perguntou: “Hestuco, onde você vai trabalhar?” Eu disse que não sabia, onde tivesse um serviço como professora eu trabalharia. Aí ela falou assim: “Então, você vai trabalhar no Grupo junto comigo!” A Dona Diva estava procurando professoras formadas e eu estava quase me formando, então, para mim foi ótimo! A Dona Diva me disse que

quando as aulas começassem, em 1961, era pra eu ir procurar ela.

Chegaram os dias de começar as aulas e eu fui lá no Grupo Escolar, me apresentei tudo certinho. Era um dia de distribuição de turmas, a Dona Diva me deu a 1ª série. Na hora eu fiquei toda arrepiada! Porque não era fácil dar aulas para a 1ª série, tinha que alfabetizar as crianças e eu nunca havia dado aulas antes, e eu sempre ouvia das professoras que dar aula na 1ª série era terrível. Mas como não podia escolher nada, encarei! Mas, não tive problema não. Neste ano que eu entrei no Grupo Escolar, passado uns dias, a Dona Diva passou a direção do Grupo para a Dona Ruth.

Nesse primeiro ano que trabalhei no Grupo Escolar, quem pagava o meu salário era a usina, porque eu fui contratada de repente e até sair minha portaria pela Prefeitura, foi a usina que foi fazendo o meu pagamento. Inclusive a Usina pagava muitos funcionários da escola, algumas professoras e merendeiras.

Eu trabalhei no Grupo Escolar alguns anos, fiquei até 1965, porque tive que sair, contra minha vontade! Foi assim: A Dona Ruth veio conversar comigo que a chefe da Inspeção Regional havia me chamado para trabalhar como inspetora pedagógica, fazendo visitas nas escolas. Na hora eu não queria, não queria sair da escola, porque eu lecionava para a 3ª série e estava no meio do ano. “Onde já se viu uma professora abandonar à sala de aula no meio do ano?” Não existia isso, não podia! Naquele tempo um professor não podia abandonar uma sala de aula, deixar os alunos no meio do ano. Eu não podia abandonar meus alunos! Mas a Dona Ruth disse que era ordem superior e que eu não podia escolher. Eu tive que ir, meio contra o meu gosto! Então, eu fui trabalhar na inspeção em 1965, foi por isso que eu saí do Grupo Escolar. Contra minha vontade!

O Grupo Escolar foi construído, porque na Usina de açúcar e álcool havia muitos funcionários com suas famílias, então o dono da Usina construiu o Grupo Escolar

para ajudar na educação das crianças, porque era muito difícil trazer as crianças para estudar na cidade. O objetivo foi criar o Grupo para atender todas as crianças que moravam ali na Usina. O Grupo Escolar ficava bem próximo das colônias que eram as casas dos moradores, que eram funcionários da Usina, em volta do Grupo ficavam as casas, então tinha a escola, e as casas das colônias eram tudo casas iguais, até chegar à escola, mais pra baixo, tinha o Grupo, a linha do trem e a Usina de açúcar.

Dar aulas em escola rural era meio complicado. Quando eu fiz meu curso de Magistério, que era o Curso Normal, as professoras que nos davam as aulas sempre comentavam sobre as escolas rurais, das precariedades que elas tinham como era difícil lecionar. Falavam que eram escolas de madeiras, com classes mistas, multisseriadas, que os professores tinham que lecionar para todas as turmas juntas, de 1^a à 4^a série tudo junto. Diziam que formava uma fila de cada série, era assim que nossas professoras do magistério nos falavam.

Então quando eu fiquei sabendo que eu ia dar aulas no Grupo, eu tinha esse medo (risos). Mas quando eu cheguei lá era bem diferente, tinha uma sala de aula para cada turma, vários funcionários e muitas crianças. No Grupo, era tudo bem organizado, certinho, um sistema de ensino diferente, por turma não tinha muitos alunos, por volta de uns 40 (risos).

Naquela época, não posso falar que havia dificuldades para lecionar no Grupo Escolar, porque o Grupo possuía uma ótima estrutura, comparado às outras escolas rurais, era uma escola modelo! A maior dificuldade era em relação ao transporte para irmos até o Grupo que, às vezes, tinha e, às vezes, não. Mas tirando isso, não havia nada desafiador, tínhamos alunos obedientes, a diretora tomava conta de tudo, o Grupo era bem disciplinado, então, não há o que se reclamar! Por tudo isso, trabalhar no Grupo Escolar da Usina era melhor do que trabalhar nas escolas da cidade.

O prédio do Grupo Escolar era muito bom, para a época era muito bom! Era um prédio comprido, tinha um pátio grande com chão feito de tijolos, havia um espaço para os alunos brincarem. As salas de aulas eram bem arrumadas, tudo muito limpo, um corredor de vermelhão. A sala de aula era bem simples se for pensar hoje, porém para aquela época era um luxo! Era composta por uma lousa, as carteiras dos alunos, uma mesa para as professoras e um armário. Havia bastante salas, o Grupo funcionava de manhã e à tarde para atender todas as crianças. A Dona Ruth era muito enérgica na limpeza, colocava uma passadeira nesse corredor, eu me lembro bem! Ela dizia que não podia pisar fora da passadeira, e os alunos obedeciam!

As crianças vinham todas dos arredores da Usina, havia umas casinhas, todas iguais, ao redor da escola, eram as casas dos moradores, vinha muita criança, vinham de sítios mais próximos, até os filhos do dono da Usina estudavam no Grupo. Os alunos eram bons, disciplinados, obedientes, tinham muito receio, crianças de zonas rurais

não são iguais às crianças da cidade, os da cidade são mais vivos, mais ativos, os alunos do Grupo eram mais humildes, bons alunos.

Para lecionar no Grupo Escolar, usávamos de um ensino tradicional. Mas não era aquele ensino tradicional, tradicional, que o povo comentava que os professores usavam palmatória nos alunos, no Grupo não tinha isso, era uns castigos simples, como ficar atrás da porta para os alunos que não eram obedientes. Mas também não era um ensino moderno como o ensino de agora. Os alunos que estudavam no Grupo eram crianças de zona rural, crianças bem pobres, que os pais eram cortadores de cana-de-açúcar, que trabalhavam na Usina, as crianças não tinham muito material didático. Naquela época, em 1961, não havia muito material didático, era o básico do básico, lápis, um caderno, borracha, era isso! O Grupo Escolar fornecia as cartilhas e os livros para os alunos.

Eu usava muito o quadro, utilizava mapas, antigamente usávamos muito os mapas para ensinar. Nós não tínhamos muito recurso, muito material didático, como hoje em dia, hoje o material didático é tudo certo, completo. Naquela época, tudo era bem simples, era o mínimo mesmo, agora os mapas nós os usávamos e o quadro negro nem se fala, era o único recurso que tínhamos. Eu lecionava todas as disciplinas, matemática, português eram as essenciais, focávamos muitos nelas, depois trabalhávamos com a geografia, ciências e a história, mas nosso enfoque era ler-contar-escrever, naquela época uma pessoa era alfabetizada se soubesse isso.

Para ensinar matemática, nós tínhamos recurso didático, outras disciplinas já eram mais difíceis para ter recursos, mas em matemática tínhamos. Nós usávamos os recursos que encontrávamos, tinha que ser criativo, usávamos palitos de sorvete, grãos de milho, nós não tínhamos um material didático bem desenvolvido, bonito de se ver, então nosso material era esse, de acordo com a

época nosso material didático para ensinar matemática era o que nós achávamos pelo caminho da escola, os grãos de milho, às vezes, pedras.

Eu me lembro bem, ensinava a tabuada e as contas básicas, se fosse uma operação de soma, por exemplo: $3 + 2$, eu colocava três grãos de milho, depois mais dois grãos de milho, então contávamos o total, juntos! A sala toda parecia um coral (risos). As crianças gostavam de manusear os grãos, era algo diferente para elas. Com os palitos de sorvete funcionava assim também, era um material palpável muito bom e interessante para os alunos aprenderem. Era o que tínhamos, não tínhamos muita coisa, na verdade naquele tempo ensinar era uma arte!

Trabalhávamos muito a leitura, muito mesmo. Fazíamos assim: escrevíamos um texto na lousa, a leitura se fazia por fila, para trabalhar junto à leitura a concentração dos alunos, eles não liam o texto completo, cada um fazia a leitura de uma frase, um trecho, e quando eu falava

“seguinte” o outro tinha que continuar a leitura, então os alunos tinham que prestar atenção, porque eles tinham que dar sequência ao texto, era uma maneira de fazer com que todos prestassem atenção.

Eu dava muita caligrafia para os alunos porque eles tinham uma letra muito feia, eu sempre fui chata com relação à letra dos meus alunos, então, eu os mandava fazerem muita caligrafia¹. Com as letras deles, eu falava: “Gente, nós escrevemos para alguém ler e esse tipo de letra, ninguém vai conseguir ler!” Eu era uma boa alfabetizadora! Eu dava a caligrafia, por exemplo, escrevia no caderno de um por um, era um ensino bem rústico, colocava uma frase, “O Brasil é nosso país”, aí eles copiavam umas dez vezes essa frase, bem caprichado, então eu usava muito o caderno de caligrafia, me considero uma boa alfabetizadora!

¹ Uma técnica de escrever à mão, em que era proposto aos alunos movimentos repetitivos e sincronizados com a intenção de que eles melhorassem a apresentação estética das letras manuscritas.

Uma coisa que eu fiz que me ajudou muito, com relação às dificuldades dos alunos. Na época, nós professoras, que morávamos na cidade, íamos trabalhar no Grupo de ônibus ou perua, que a Usina mandava vir nos buscar e quando acabava a aula nos trazia de volta. Então, no período da tarde, eu escolhia algumas crianças, as que apresentavam muitas dificuldades nas aulas, e eu as trazia para minha casa, e dava para eles uma aula particular, não ganhava nada a mais. Eu tinha uma lousa pequena, de madeira, eu colocava na copa da minha casa e eu trabalhava essas crianças na recuperação deles, porque elas tinham muitas dificuldades, isso me ajudou muito! Porque só na escola não dava conta para eles aprender, essas crianças precisavam de uma atenção maior e os pais não podiam fazer isso, porque a maioria era analfabeta. Eu fiz esse trabalho por todos os anos que eu trabalhei no Grupo!

Naquela época não havia muita reprovação de alunos, porque a gente batalhava para que os alunos não reprovassem (risos), era um ensino bom, forte,

disciplinado, a gente batalhava naqueles alunos com dificuldades e com problemas de aprender, todos eram tratados da mesma maneira.

O que mais tinha no Grupo Escolar eram regras, pra tudo tinha regra, para entrar na sala de aula, para sair, para andar no corredor, porque não podia pisar fora da passadeira, regra com relação ao horário, regra para ficar no pátio e regra para a limpeza. A rotina do Grupo era de manhã, quando tocava o sinal, as crianças tinham que formar a fila, cada um na fila da sua série, do menor para o maior, uma fila bem reta, tudo isso para cantarmos o hino nacional, depois disso, íamos para a sala de aula tudo em fila, sem correr, todos muito bem disciplinados, tinha que entrar na sala de aula em fila, era um sinal de respeito e ordem.

Dona Ruth era bastante enérgica, ela era muito boa, ajudava muito os alunos e nós professores, ela controlava a disciplina, a educação, a falta de obediência e bagunça, não

tinha isso, era muito bem controlado pela diretora. A diretora sempre acompanhava tudo, tinha umas reuniões, onde nós professores tínhamos que expor as dificuldades e os problemas, o que estava sendo ensinado na sala de aula, tínhamos que mostrar tudo isso para a diretora.

Naquela época tinha bastante professores, zeladoras, merendeiras, poucas professoras moravam na Usina, acho que só a Idalina Zanardo e outra, que eu não me lembro do nome, apenas elas que moravam ali no bairro. A maioria dos professores morava na cidade.

Naquele tempo não havia cursos de formação de professores, semana pedagógica não havia nada disso. O que tinha mesmo era o Magistério, cursava esse curso e depois que entrava numa sala de aula não havia nenhuma capacitação para os professores. Naquele tempo havia duas classes de professores, os que eram formados pela Escola Normal Regional e os que eram formados pela Escola Normal Secundária. Eu fiz a Escola Normal Secundária! A

Escola Normal Regional oferecia uma instrução mais simples, quem tivesse um ensino primário podia entrar nessa escola e fazer o Magistério. Na Escola Normal Secundária era pra quem já possuía o curso ginasial.

A experiência que eu adquiri com aquelas crianças, foi muito boa! Porque hoje em dia, está muito difícil dar aulas com relação à disciplina dos alunos. Antes, não tínhamos esse problema, nossos alunos eram humildes, eram alunos que você falava eles atendiam, ouviam, uns alunos educados.

Nossa como eu tenho saudades! Quando eu tive que deixar a escola, me doeu muito! Deixar meus alunos, alunos que eu trazia na minha casa para ensiná-los, que eu consegui ajudar aqueles mais atrasados, que precisavam de mais horas de estudo. Por mim não teria largado, de jeito nenhum.

Nós nos apegávamos com as crianças, era muito bom! No final você via seu trabalho, o desenvolvimento

dos alunos. Eu era bem exigente! Pelo o que o aluno apresenta no final do ano você consegue ter uma visão do trabalho. Entrar numa sala de aula com crianças que não sabiam pegar no lápis, pegava de um lado de outro, porque eles não tinham noção, e de repente eles ali escrevendo o nome... não tem melhor sensação. Considero-me uma boa alfabetizadora!

ALICERCES DA PÁTRIA: CARTAS SOBRE A EDUCAÇÃO DA MOCIDADE

*Terezinha Castanho
Aparecida Cristina Castanho*

Terezinha: O Grupo Escolar foi à primeira escola que começamos a lecionar, havíamos acabado de nos formar. Minha formação era o Magistério, naquele tempo chamava Escola Normal, eu fiz aqui em Bandeirantes mesmo. Tudo começou em 10 de março de 1961, quando entramos pela primeira vez numa sala de aula. Que nervosismo! (risos). Eu trabalhei pouco tempo no Grupo Escolar, fiquei até dezembro de 1964, como precisava de uma professora para lecionar no supletivo noturno numa escola da cidade, eu acabei trocando, e parei de lecionar no Grupo.

Aparecida: Eu também comecei a lecionar em 1961, entramos juntas, e fiquei até meados de 1963. Eu sou formada em Magistério, fiz esse curso na cidade de Ourinhos², no Colégio Interno, era um colégio de freira.

Terezinha: Como nós entramos para dar aula? Ah! Nós fomos à prefeitura e pedimos um emprego!

Aparecida: Foi assim... Nós fomos à prefeitura pedir emprego! Escondido do nosso pai, porque naquela época nosso pai não aceitava que nós mulheres trabalhássemos. Fui eu e minha irmã, chegamos lá na prefeitura conversamos com um moço, ele disse: Poxa! Vocês estão com sorte, a Dona Ruth, veio aqui hoje cedo e pediu algumas professoras, amanhã mesmo vocês já podem começar, vão dar aulas no Grupo Escolar da Usina. Saímos todas felizes! Mais tarde, meu pai descobriu que fomos à prefeitura pedir emprego (risos). Nossa Senhora da

² Ourinhos é um município do estado de São Paulo, dista a 373 km de São Paulo (capital do estado de São Paulo) e 64 km do município de Bandeirantes-PR.

Aparecida! Meu pai ficou muito bravo, ele ficou louco da vida com a gente! Não queria que nós fossemos trabalhar, aí nós falamos que já havíamos dado nossa palavra, e que não podíamos deixar a Dona Ruth na mão. Falamos para ele deixar irmos à primeira semana, até arrumar outras professoras, aí ele concordou. Fomos... Fomos uma semana, passamos para duas, três,... E ficamos por lá. (risos)

Terezinha: Naquele tempo, o Grupo ofertava de 1^a a 4^a séries, eu dava aula para a 2^a série! Eu trabalhava de manhã pela prefeitura com a 2^a série, e à noite com a alfabetização de adultos, eram os funcionários que trabalhavam na Usina, eu dava aulas para eles, à noite era a Usina que pagava meu salário. Então eu trabalhava em dois períodos.

Aparecida: Eu atuava no Grupo Escolar de manhã, eu dava aula para a 4^a série, e à noite eu lecionava na cidade na Escola Normal Regional que equivalia ao Ginásio. Nós morávamos na cidade e íamos dar aulas lá no Grupo

Escolar. Íamos de Juliona, que era um ônibus bem velho, depois mudou, passamos a ir de perua. A usina que mandava nos buscar. O duro era quando quebrava o ônibus, aí vinham de caminhão nos buscar, aqueles caminhões de puxar cana-de-açúcar da roça, nós íamos de caminhão! Na cabine do caminhão lotava de professoras, seis ... sete professoras tudo uma no colo da outra, passamos por tudo isso! A estrada era de terra, uma poeira... Não tinha asfalto, era na poeira mesmo!

Terezinha: Como nós nunca havíamos lecionado antes e no Grupo foi à primeira vez, no começo dava um frio na barriga, mas o Grupo Escolar era perfeito para se trabalhar!

Aparecida: Quando nós começamos a lecionar tínhamos muitas dúvidas com relação aos conteúdos, por incrível que pareça, minha mãe que não terminou a 4ª série e meu pai a 1ª série do primário, eles que nos ajudavam, eles ensinavam a gente, tiravam nossas dúvidas! Então quando nós estávamos em casa planejando nossas aulas e surgia alguma

dúvida com relação ao conteúdo para ensinar, nossos pais que nos ajudavam. Mas, foi tudo bem, Nossa! Tínhamos muito apoio da Dona Ruth!

Terezinha: A Dona Ruth era uma ótima diretora! Eu nunca vi uma diretora que fizesse uma escola funcionar tão bem, como ela fazia. Tudo funcionava perfeitamente! Ela dirigiu aquele Grupo Escolar com muita maestria, ela era muito enérgica. Não tem como não falar do Grupo Escolar, sem lembrar na Dona Ruth, ela foi uma pessoa muito marcante para todos nós. Ela era atuante, a primeira que chegava e a última que ia embora. Exigente, sim, mas, uma capacidade... muito dedicada!

Aparecida: O Grupo Escolar surgiu..., porque o seu Luiz Meneghel... ele era dono de uma Usina de açúcar e álcool, eles tinham muitos funcionários que viviam ali nos arredores da Usina, nas colônias, e essa Usina ficava um pouco distante da cidade, então para poder alfabetizar os filhos dos colonos e até mesmo os próprios colonos, ele

fundou o Grupo Escolar Usina Bandeirantes. Era um ótimo Grupo Escolar! O Grupo era muito bem arrumado, muito bem limpo, uma limpeza maravilhosa! Não via uma marca naquele chão, era um chão vermelho! Alunos educados, obedientes que respeitavam, nossa! A Dona Ruth, ela quem levava à frente do Grupo, ela era mão de ferro, fantástica. Ela apoiava tanto nós, os professores, como os alunos. Ajudava! Os alunos que não possuíam uma condição de comprar os materiais ou o uniforme, ela ajudava, ela era excelente! Uma vez um inspetor de ensino foi visitar o Grupo Escolar, fazer as vistorias que fazia em todas as escolas. Eu lembro, ele comentou que outros inspetores falavam muito bem do Grupo, que ali havia obediência, que as regras funcionavam. Ele disse: Esse Grupo Escolar é uma escola modelo para a região!

Terezinha: O Grupo era [construção] de tijolos, tinha por volta de 8 (oito) salas ao todo e dessas 4 eram salas de aula, tinha uma biblioteca, bem simples, humilde, mas tinha uma biblioteca. O chão era de vermelhão encerado, limpo,

limpo, que você se olhava no chão. Escola um brilho, limpa! Havia uma passadeira no chão, os alunos tinham que entrar em fila, eles não podia pisar fora da passadeira. Era uma obediência! Os alunos eram uma beleza, educados ao extremo. Havia muitos alunos naquele tempo, as salas eram lotadas, tinha uns 35..40 alunos por turma. Porque nessa época havia muitas colônias, que eram as casas dos trabalhadores da Usina, essas casas de madeiras, ficava em volta da escola. O Grupo ficava bem no centro. Então havia muitas crianças, as crianças que estudavam viviam tudo lá. Tinha uma professora para cada sala de aula, e duas professoras substitutas, para o caso de alguma professora faltar , porque os alunos não podiam perder aulas. Não tinha esse monte de professores para tudo, para cada disciplina, a gente fazia de tudo na sala! Mas, nós não exercíamos outras funções, éramos os professores.

Aparecida: Nós dávamos todas as disciplinas. Todas! Naquele tempo eram todas, diferente de hoje.

Terezinha: Para dar as aulas nós tínhamos o básico! Um giz e um quadro! Era isso! Nada de tecnologias, metodologias diferentes, nada! Mas o quadro e o giz eram uma grande tecnologia de época, era perfeito para nós! A escola não oferecia mais nada, às vezes, nós fazíamos uns cartazes com os alunos, para a aula ficar diferente, mas isso éramos nós que fazíamos por conta mesmo. A escola oferecia o material para os alunos, que era a cartilha, dava essa assistência. Mas, não era a escola que tinha que se responsabilizar com os materiais diferenciados, como material para fazer cartaz, eram os professores. A escola dava o giz e o quadro, o resto ficava por nossa conta. Então, nós fazíamos os cartazes espontaneamente, trabalhos manuais para as datas comemorativas faziam tudo isso junto aos alunos.

Aparecida: Nós também utilizamos muito, todos os dias, o livro didático, a cartilha, esse material era adotado pela escola. Todos aprendiam muito bem! Nossa como a gente

escrevia naquele quadro! Os alunos copiavam tudo em seus cadernos, uma letra, as letras deles eram magníficas.

Terezinha: Caligrafia! Todos faziam muita caligrafia. Olha as letras de hoje, sem comparações, você não consegue nem ler o que os alunos escrevem. Havia as provas bimestrais, as provas eram critério do professor, mas, era obrigatório aplicar uma prova por mês. A nota para passar era 6.0. Eu sempre aplicava prova surpresa, para ver se os alunos estavam aprendendo mesmo. Naquele tempo pode-se dizer que não havia reprovações, era muito pouca, quando acontecia. Os alunos estudavam mesmo, mesmo! E sabiam, sabiam! A Dona Ruth exigia!

Aparecida: Naquele tempo os alunos não perdiam as aulas, não faltavam não. Se um aluno faltasse a Dona Ruth ia lá à casa dele, para saber o motivo, ela cobrava dos pais também, tirou nota baixa ela ia na casa dos pais, os pais também tinham medo dela (risos). Nós tínhamos uniformes, era saia ou um vestido, era isso que tínhamos

que usar! Todas elegantes (risos). Já os alunos, a maioria não tinha uniforme, até mesmo pelas condições.

Terezinha: Nós não tínhamos formação de professoras, era só o Magistério mesmo, e pronto. Não tinha cursos, não tinha nada, nada!

Aparecida: No Grupo Escolar havia muita rotina, regras e exigências. A gente, todos os dias, cantava o Hino Nacional.

Terezinha: Dentro da sala de aula, nós tínhamos que rezar.

Aparecida: Todos os dias, chegávamos ao Grupo Escolar, tocava o sinal, antes de entrar na sala de aula formava as filas de cada turma no pátio, e entrava uma turma por vez, não era aquele “bolo” de alunos, correndo sem disciplina, era tudo certinho! Um de cada vez, uma obediência fora do comum!

Terezinha: No Grupo Escolar havia muitas regras! Tanto para os alunos quanto para os professores.

Aparecida: Uma delas era em questão do horário. Horário de entrada e saída. Tudo perfeito!

Terezinha: Regra para pegar a merenda. Não podia repetir! A merenda era muito boa por sinal, os alunos eram bem tratados. A maior dificuldade para dar aulas no Grupo Escolar, era o transporte, principalmente quando chovia. Quando faltava a condução, que ia todo mundo junto dentro da cabine de um caminhão, mas isso não era motivo para nós faltarmos, ninguém faltava, não podia faltar! A gente ia feliz! Verdade!

Aparecida: Nós íamos numa boa, quando não era a poeira era o barro (risos).

Terezinha: Era tão gostoso! Muito gostoso mesmo! Eu senti quando vim embora!

Aparecida: Tudo era bom, muito bom, deve ser porque a gente gostava de tudo. Aquele Grupo Escolar era uma escola modelo!

DA MESTRE-ESCOLA À PROFESSORA DO ENSINO PRIMÁRIO RURAL

Idalina Negrizole

Eu comecei a dar aulas no Grupo Escolar em 1958 e por lá lecionei por longos 20 anos. Trabalhei até 1978 na escola. Eu me aposentei no Grupo. Eu trabalhava no período da tarde, das 13h às 17h, fui professora de 1ª série porque eu era professora alfabetizadora. A turma de alunos que eu dava aulas era formada pelos alunos que apresentavam maiores dificuldades em aprender a ler, a contar e a escrever, a diretora Ruth, pegava esses alunos que tinham reprovado e então formava a minha turma e eu alfabetizava essas crianças.

Antes de eu trabalhar no Grupo Escolar, eu já havia lecionado em outra escola rural, eu comecei a trabalhar nessa outra escola em 1946 e foi a primeira escola que trabalhei. Na época, eu morava no sítio do bairro Yara³, meu pai trabalhava numa fazenda, o dono dessa fazenda, seu Domingos, falou para meu pai: “vou construir uma escola para sua filha ensinar o povo daqui”. O seu Domingos construiu a escola para eu trabalhar, para eu ensinar aquele povo daquela região, a maioria era sitiante, empregados da fazenda dele, tinha muitas crianças.

Então, ele construiu a escola, a casa da escola era de madeira, ele construiu as carteiras, tudo de madeira, construiu o quadro (que era enorme). Na escola havia uma única sala de aula, os alunos estudavam todos juntos, não importava a idade. Eu saía pelos sítios, casa por casa, avisando as crianças que ia ter uma escola, a nossa escola! Tive muitos alunos, tive alunos que entraram pela primeira

³ Bairro Yara está localizado no município de Bandeirantes – PR, dista a 10 km da zona urbana.

vez na escola com 17 anos, eles eram mais velhos que eu! Eu cuidava de tudo da escola. Com a ajuda das crianças, todo sábado, eu cuidava da limpeza da escola. Nós fazíamos a vassoura de mato para varrer, as meninas lavavam a sala de aula, limpávamos as carteiras, e os meninos carpiam o quintal da escola, o quintal era de terra, não era calçado. Era bem cuidado! Essa foi minha primeira escola, eu sempre dei aula no sítio!

Eu me lembro bem, nessa escola não tinha a visita da inspetora lá, às vezes eu tinha que vir para a cidade trazer o livro para eles verem. Depois de um tempo é que colocaram uma inspetora para visitar a minha escola. A inspetora adorou a minha escola e por isso eu ganhei muitos prêmios. A escola chamava Escola Municipal Domingos Ragalmuto⁴

Depois de trabalhar 12 anos nessa escola, eu fui para o Grupo Escolar, trabalhei no Grupo Escolar por 20

⁴ Escola Municipal Domingos Ragalmuto, localizava-se no Bairro Yara.

anos, comecei a lecionar em 1958. Eu trabalhei como professora 32 anos, depois me aposentei. A diretora do Grupo Escolar não queria que eu me aposentasse, então eu fiquei trabalhando um pouco mais.

Eu não me formei professora, não fiz Magistério, não fiz faculdade, não fiz nada disso, eu estudei até a 5ª série, normal. Eu fui nomeada pela Prefeitura como professora primária, não tinha concurso, não tinha nada, naquele tempo faltava professora. Eu era uma boa alfabetizadora!

Eu não morava perto do Grupo Escolar, era longe, tinha uma estrada longa, cheia de poeira, grossa de poeira. Eu morava numa colônia, eu ia a pé ou, às vezes, de bicicleta trabalhar. Dia de chuva eu levava um sapato na mão, limpo, porque aquele sapato que você ia ficava cheio de barro. Ao meio dia eu ia para o Grupo Escolar, as aulas eram de segunda à sexta-feira.

O fundador do Grupo Escolar era o dono da usina de açúcar, seu Luiz Meneghel, ele quem construiu o Grupo Escolar, ele tinha um apelido “O pai dos pobres”, porque ele ajudava a todos. Ele construiu a escola para os filhos dos empregados dele estudar, porque naquele tempo a usina tinha muitos empregados, tinha inúmeras colônias, as colônias são as casas dos empregados e como ficava longe da cidade, e naquele tempo tudo muito difícil, o Luiz Meneghel construiu uma escola para que os filhos dos empregados aprendessem. Antigamente se aprendesse a ler, a escrever, a contar e fazer as quatro operações já era uma pessoa alfabetizada.

O Grupo Escolar era do lado da usina, do ladinho, dava pra ver as fumaças da chaminé saindo, aquele carvão preto que caía, essa era nossa paisagem. O Grupo Escolar era feito de tijolos, tinha um pátio todo calçado, cercado por um muro baixo, e um portão de ferro, tinha um corredor comprido, nesse corredor tinha uma passadeira no chão, para nós pisarmos, eram 4 salas de aulas,

ensinávamos de 1^a a 4^a série, as classes eram grandes, espaçosas, tínhamos uma cozinha pequena, havia banheiro. No Grupo tinha água encanada e energia elétrica, era tudo certinho. O Grupo Escolar era uma escola linda! Era assim! Aquela escola foi um exemplo aqui de Bandeirantes, era um modelo!

As salas de aulas eram grandes, com carteiras, um quadro negro, um armário para guardar material escolar, os cadernos e os livros dos alunos, bem na frente ao centro ficava a mesa da professora, era uma mesa bem grande. Era assim, um luxo! Linda e maravilhosa! Não tínhamos biblioteca, tínhamos lá uma pequena prateleira com alguns livros. Para os alunos a biblioteca era o livro deles, cada aluno tinha sua cartilha.

No Grupo Escolar as coisas já eram bem melhores, era tudo sofisticado, tinha uma sala de aula para cada série, no total eram 4 salas de aula, um pátio grande todo calçado de tijolo, não tinha terra, era todo ladrilhado, tinha várias

peessoas trabalhando: a diretora, as faxineiras, a inspetora, eu só dava as aulas mesmo, também as classes todas arrumadinhas, o Grupo Escolar foi muito bom! Era muito bonito! Mas bonito mesmo! Todo ano nós pintávamos o Grupo, ele era cor de rosa, não era tinta de lata, era pintado com cal, então nós fazíamos o cal numa vasilha grande, colocávamos a tinta cor de rosa para dar uma cor, então era assim! Tem coisas que eu não me recordo muito bem, mas a maioria eu não esqueci!

No Grupo Escolar, nós professoras, ensinávamos aos alunos a lerem, a escreverem, a contarem e a fazerem as quatro operações básicas: soma, divisão, multiplicação e subtração, era isso que nós ensinávamos! Eu dava aula para a 1ª série, eu tinha 42 alunos, às vezes, tinha ano que havia mais crianças, nunca menos (risos)! Eu ensinava português, matemática, geografia e história, eu ensinava tudo isso!

Naquela época não tinha nenhum recurso para ensinar, tínhamos a cartilha, o caderno e o quadro negro, era só isso! Os materiais escolares eram bem escassos, a secretaria mandava um pouco para o Grupo, mas não dava para ajudar muitas crianças, então acabava que os pais compravam o material.

Eu preparava as aulas em casa, eu tinha um livro e no outro dia eu dava essa aula que preparei um dia antes. Como eu era professora alfabetizadora e como era 1ª série, os alunos estavam aprendendo a ler e a escrever, então eu fazia assim: ensinava a lição da cartilha no quadro negro, nós líamos bastante vezes o que estava escrito no quadro, muitas vezes, para aprender! Como cada aluno tinha sua cartilha depois eu tomava a lição da cartilha, um por um, para ver se havia aprendido.

As tarefas que eu dava em sala de aula eram assim, como nós professoras queríamos ensinar a ler e a escrever, por exemplo, eu ensinava a família do “B”, aí eu pedia para

as crianças trazerem, no outro dia, dez palavras que começassem com “B”, e era assim para o alfabeto todo, assim que eu ensinava. Se o aluno errava uma palavra, escrevia errado, eu ia lá escrevia no caderno dele a palavra correta e ele tinha que copiar dez vezes essa palavra para aprender, hoje isso é visto como castigo, mas naquele tempo era uma aprendizagem, a criança aprendia mesmo. Mandava lição de casa todos os dias, eram 4 horas de trabalho, mas trabalho mesmo, as professoras trabalhavam muito!

As tarefas de casa nós corrigíamos todo dia, tínhamos que corrigir uma por uma, as lições da cartilha tinha que passar tudo no quadro, eu escrevia de letra de mão e letra de forma, das duas maneiras, ensinava eles no quadro, depois sentava na minha mesa e chamava um por um para tomar a lição da cartilha.

O meu maior desafio de dar aula, como eu pegava os alunos que tinham muita dificuldade para aprender, esse

era o maior desafio, tinha que ter muita paciência. Mas quando chegava no final do ano, eu via todos eles lendo, juntando as sílabas, contando, eu me sentia muito realizada! Eu amava dar aula! Eu nasci para ser professora! Tudo era muito bom! Chegavam às férias, passava alguns dias, eu sentia tanta saudade do Grupo Escolar, porque os alunos eram meus filhos, eles eram muito comportados. Naquele tempo a professora era vista como algo muito superior. Era respeitada!

Nossa comunidade era muito grande, tinha tantas casas, as crianças iam para a escola a pé, todo mundo andava a pé, as crianças não faltavam na escola. Quando algum aluno faltava a diretora ia até à casa do aluno, saber o motivo que ele faltou, se não estivesse doente, ela pegava a criança e trazia para a escola.

Nós professoras tínhamos uniformes, eu me lembro! Era um vestido, as professoras sempre usavam vestido, era um vestido xadrez de preto, não podíamos ir para a escola

sem esse uniforme, se não a diretora ficava brava! Foi uma época de obediência, as pessoas tinham obediência. Os alunos também tinham uniformes que antigamente era saia azul marinho e camiseta branca, para as meninas, e para os meninos um calção azul e camiseta branca, esse era o uniforme do Grupo. Mas o uniforme dos alunos não era muito obrigatório, porque antigamente os pais tinham muita dificuldade em comprar roupas, calçados, então a grande maioria das crianças não ia de uniforme, os tênis que eles usavam eram bem baratinhos, às vezes, iam descalços para a escola.

No Grupo Escolar havia muita regra, tinha regra para tudo e para todos! Era o uniforme das professoras, era regra dos alunos sempre entrar e sair da sala de aula em fila, caminhar somente em cima da passadeira, não podia pisar fora da passadeira porque o chão era um brilho! Grupo Escolar que tinha uma passadeira, para nós passar, a diretora era muito enérgica e os alunos não podiam passar fora dessa passadeira, entravam todos com a mãozinha para

frente encostada na barriga, se pisassem fora da passadeira levava um “pito”. Na hora da merenda também tudo bem obediente. Os alunos respeitavam, se eles quisessem ir ao banheiro tinham que pedir, para entrar na sala de aula tinham que pedir licença, para apontar o lápis também, eles ficavam sentados, comportados!

Tínhamos uma rotina. Antes de entrar em sala nós cantávamos o Hino Nacional, o hino da bandeira, todos os dias cantavam no pátio da escola, os alunos em fila reta, era tudo lindo e maravilhoso! Quando terminávamos de cantar é que íamos para a sala de aula, tudo em fila, um atrás do outro, sem correr ou gritar.

Na hora do recreio tocava um sininho, fazíamos fila e saíamos. Uma sala de cada vez, bem comportados, cada um pegava seu prato, sua comida, não tínhamos mesa para os alunos sentarem e comer. Eles pegavam a comida pela janela da cozinha, mas cada um se acomodava no cantinho

como dava, tinha duas merendeira que faziam a comida para as crianças.

A avaliação das crianças era no fim do ano, a diretora era quem aplicava o exame, não éramos nós professoras. A reprovação dos alunos eram grande, tinha alunos que ficava 3 anos na 1ª série, porque para passar para a 2ª série as crianças tinham que saber dividir e multiplicar até 9, saber ler e saber resolver problemas. Nós tínhamos um livro só de problemas, era um livro pequeno. Nesse livro tinha 100 problemas, então as crianças resolviam esses 100 problemas durante o ano todo. Então, para os alunos passarem para a 2ª série eles tinham que saber, senão ficava na 1ª série.

Havia uma inspetora que visitava o Grupo Escolar, ela ficava na cidade, na secretaria, e ela fazia visitas nas escolas a cada 15 dias. Ela era muito exigente, toda vez que ela chegava ao Grupo ela olhava o diário de classe, o livro da diretora. Ela não precisava olhar a higiene dos alunos,

porque as mães não mandavam as crianças sujas para a escola, as roupas sempre limpas, podia ser roupa velha, mas sempre limpas.

No Grupo tinha merendeira, diretora, faxineira, não tinha secretaria, tínhamos nós professores, um para cada série. Nós professores éramos responsáveis em dar as aulas, ensinar! Nós professores tínhamos uma sala de reuniões, todo dia chegávamos um pouco mais cedo para sentar e conversar. Minha grande amiga, colega de trabalho e irmã (lágrimas) Idalina, ela era minha xará, essa professora era muito especial para mim. Que saudade!

Naquele tempo não havia formação de professores, cursos, nada. Nós não tínhamos formação para sermos professoras. Às vezes nós tínhamos que vir para a cidade, para apresentar nosso trabalho. Funcionava assim: nós tínhamos que fazer uma relação do que eu ensinava para os alunos, eu escrevia tudo, aí íamos até a cidade para apresentá-la, cada uma ficava de pé e lia seu relatório

explicando. Era isso que tinha, mas formação de professor não tinha!

Nós fazíamos muitas festas no Grupo: festa junina, teatros, sempre, sempre! Os teatrinhos eram sobre a história do lobo mal, chapeuzinho vermelho, essas histórias, os alunos representavam. O teatro era para todos os alunos e a família, acontecia no sábado à noite. Nós montávamos um palco muito bonito, enfeitávamos o pátio da escola, o pátio era grande e era ali que aconteciam nossas festas. A escola está lá ainda, mas para minha tristeza não funciona mais. Agora não tem mais nada, acabou tudo aquela coisa linda e maravilhosa, aquele Grupo acabou!

Os pais dos alunos estavam sempre presentes, não tinha reunião de pais. Quando o aluno se comportava mal, a diretora ia até a casa do aluno conversar com os pais ou, às vezes, convidava os pais para irem até a escola. Essa diretora foi uma grande mulher!

Na época de matrícula de crianças no Grupo, nós professoras saíamos avisando nas casas que as matrículas estavam abertas. Um fato interessante era que quando os pais iam matricular seus filhos eles pediam para a diretora colocar os filhos deles na sala da Professora Idalina (risos), eu tenho orgulho disso!

Ser professora naquela época era ser muito respeitada. Eu era a Dona Idalina, (lágrimas), eu não era formada como professora, não fiz Magistério, não fiz faculdade, mas olha... eu fui uma boa professora! Uma professora que alfabetizava as crianças. Eu fui muito respeitada como professora, pelo que eu fiz pelas minhas crianças, meus alunos para mim eram meus filhos.

Um momento marcante, que ficou na história, foi quando eu engravidei. Naquela época, professora não podia engravidar, a diretora não queria que as professoras saíssem, porque não tinha outra para colocar no lugar, e quando eu engravidei a diretora ficou muito brava, me

chamou a atenção, professora não podia engravidar, então eu trabalhei até um dia antes de ganhar.

Tenho tanta saudade (lágrimas) tenho saudade dos meus alunos, da diretora Ruth, das minhas amigas professoras (lágrimas).... aquela escola me fez muito bem!

Eu tenho recordação dos meus alunos, nunca me cansei de ser professora! Eu voltaria ser professora se eu pudesse! Mas foi um tempo muito bom, que eu sinto saudades! Eu tenho saudade de muita coisa, eu tenho saudade da diretora, de todos. Eu não esqueço a Dona Idalina Correia, minha grande amiga (lágrimas).

RETRATOS ESCOLARES DE UMA PROFESSORA

Maria Elisabeth Corder

Comecei a minha profissão de professora no Grupo Escolar Usina Bandeirantes. Foi a primeira escola que eu lecionei. A Usina é minha terra natal, foi onde nasci, cresci e passei um tempo da minha vida. Meu pai trabalhou mais de 50 anos na Usina, para a família Meneghel. Eu estudei no Grupo Escolar, lá eu fiz o ensino primário, de 1^a a 4^a séries, e depois de tudo isso, voltei para a Usina para ser professora do Grupo Escolar.

Além de ser professora do Grupo Escolar eu também fui aluna. Eu estudei lá em 1955, fiz todo o primário, era muito gostoso estudar no Grupo! No Grupo Escolar eu aprendi muita coisa, além dos conteúdos de

alfabetização aprendíamos a ter respeito e obedecer. As professoras eram espetaculares! Foi muito gratificante!

Minha formação é magistério, eu fiz na escola normal, era assim que falava naquela época. Quando me formei eu fui chamada pela prefeitura para dar aulas no Grupo Escolar Usina Bandeirantes. Comecei a lecionar no ensino primário, de 1ª a 4ª séries, e foram nove anos de dedicação para essa escola. Tenho boas recordações!

Quando comecei a lecionar no Grupo Escolar eu morava na cidade, a maior dificuldade de dar aulas no Grupo era o transporte. A “Usina” que vinha buscar as professoras na cidade, nós tínhamos um ponto, todas se reuniam nesse ponto. O transporte era a Juliona, um ônibus bem grande. Às vezes, não tinha o ônibus, porque quebrava ou acontecia algum imprevisto, então, vinham os caminhões de puxar cana-de-açúcar. Nós tínhamos que subir nesses caminhões, às vezes, não tinha nada, aí

tínhamos que ir a pé mesmo. Porém, ser professora naquela época era uma grande realização.

O Grupo Escolar era muito bom! Uma limpeza impecável, as salas de aulas eram tudo com muita ordem, a Diretora exigia muita ordem. Um Grupo Escolar com muita ordem e respeito. Uma escola modelo!

Os alunos que frequentavam o Grupo Escolar eram todos da roça, moravam aos arredores da Usina, eram pessoas bem humildes, a maioria dos alunos ajudava os pais na lavoura, trabalhava duro na roça e ia para escola. Muitos não tinham quase nada, nem os materiais escolares. Muitos alunos iam com o que tinham para a escola, naquela época ninguém ficava tirando sarro um do outro porque não tinha os materiais.

Alguns alunos as mães faziam uma bolsa para carregar os materiais escolares de saco de açúcar, colocava ali dentro o caderno, o lápis, pronto! Já podia ir para a escola. Como eu trabalhava com a alfabetização, eu dava

aula para a 1ª ou 2ª série, os alunos que chegavam ao primeiro ano do Grupo Escolar, eles tinham as mãos bem duras, mal conseguiam pegar no lápis, não tinham uma coordenação motora, então, eu tinha que trabalhar muito isso com eles, ensinar a pegar no lápis, pegar na mão deles e ajudar a fazer as letrinhas, porque no final do ano os alunos tinham que estar sabendo escrever. Era uma satisfação, para mim uma recompensa bem grande, quando eu via meus alunos saindo dali lendo e escrevendo! Porque naquela época quem sabia ler e escrever não precisava de mais nada! Era uma pessoa alfabetizada!

Os alunos... gente! Os alunos eles eram outro nível, naquela época sim, havia respeito com o professor! Era um respeito bem grande, uma obediência fora do comum, todos obedeciam!

A Dona Ruth Rensi era a diretora do Grupo Escolar, uma excelente diretora, porque ela tinha uma rigidez com a educação dos alunos, todos os alunos tinham medo dela!

Mas ela era muito boa, ela que fazia aquele Grupo Escolar funcionar. Os alunos tinham um respeito muito grande por ela, ela não precisava ficar gritando com ninguém, era ela aparecer na porta da sala, ou no pátio na hora do recreio, pronto! Os alunos ficavam tudo quietos, acabava a conversa, era notório que a Dona Ruth estava por perto.

Era muito bom trabalhar no Grupo Escolar! Já lecionei em outras escolas, mas nunca tive em uma escola que predominasse o respeito dos alunos com o professor, como tinha naquele Grupo Escolar.

As salas de aulas eram muito boas, tudo bem simples, mas eram muito boas! Tinha as carteiras, tudo direitinho, o quadro e um armário, tudo dentro da época. Não tinha nada de tecnológico! As nossas tecnologias eram o giz e o quadro (risos). Então os nossos grandes materiais de apoio eram esses, tudo que sabiam escrevíamos no quadro, tudo! O material didático era apenas a cartilha mesmo, planejávamos as aulas em cima da cartilha, mas era

tudo dentro dessa sala de aula da época que tudo acontecia, nesse espaço que dávamos nosso show (risos).

O método que nós utilizávamos para lecionarmos as aulas no Grupo Escolar era o que tinha na época, o quadro e o giz, usávamos muito a cartilha “Caminho Suave”, nós alfabetizávamos os alunos com essa cartilha. A cartilha tinha várias figuras, cada letra do alfabeto tinha uma figura para representar, o que ajudava muito os alunos a decorar o alfabeto, os alunos aprendiam muito bem! Os livros que nós usávamos vinham do Governo, muitos tinham que ser comprados pelos pais dos alunos, os que não tinham condições de comprar, nós emprestávamos e depois eles devolviam. Naquela época era uma professora por sala de aula, nós dávamos aulas de todas as matérias englobadas. Claro que com um foco maior na leitura, na escrita e na matemática.

Havia as provas, cada bimestre aplicávamos algumas provas, tinha as provas mensais que eram

obrigatórias, todo mês tínhamos que aplicar uma avaliação para os alunos. Tinha as provas de leitura, nessas provas a Diretora também participava, era ela quem tomava a leitura dos alunos. Os alunos não faltavam, eles gostavam de ir para o Grupo Escolar, tínhamos muitos alunos, e ainda, naquela época não havia reprova, os alunos eram dedicados, eles estudavam de verdade!

Nós professoras tínhamos uniforme, nós tínhamos que usar vestido ou saia, a Dona Ruth não aceitava as professoras usarem calças, não podíamos! Era vestido ou saia. Ela era muito rígida quanto a isso.

No Grupo Escolar tudo era muito bem cumprido, a rotina, todo dia de manhã cantávamos o Hino Nacional, tínhamos que cumprir todos os horários estabelecidos. Com relação às regras do Grupo Escolar, era mais disciplina, não regra, era disciplina! Todos os alunos eram muito bem disciplinados, obedientes. Inclusive todas as manhãs nós fazíamos a fila no pátio da escola, cantávamos o Hino

Nacional. Depois, íamos para a sala de aula, nos corredores tinha uma passadeira, os alunos se equilibravam em cima dessa passadeira, porque não podia pisar fora dela. Rezávamos na sala de aula, para ter uma boa manhã de estudo. Saíamos para o lanche com muita ordem.

Tenho boas lembranças! O Grupo Escolar era de pessoas simples, humildes, com alunos educados, nós professores éramos vistos como os heróis deles! O que mais me marcou foi a parte da educação! Sinto saudades!

Essa minha experiência no Grupo Escolar como professora que me fez continuar a minha profissão, porque no Grupo Escolar pude ver como o ato de alfabetizar uma criança é gratificador, eles chegavam não sabendo nada, e saíam de lá, lendo, todos muito bem alfabetizados! Foi muito boa essa época!

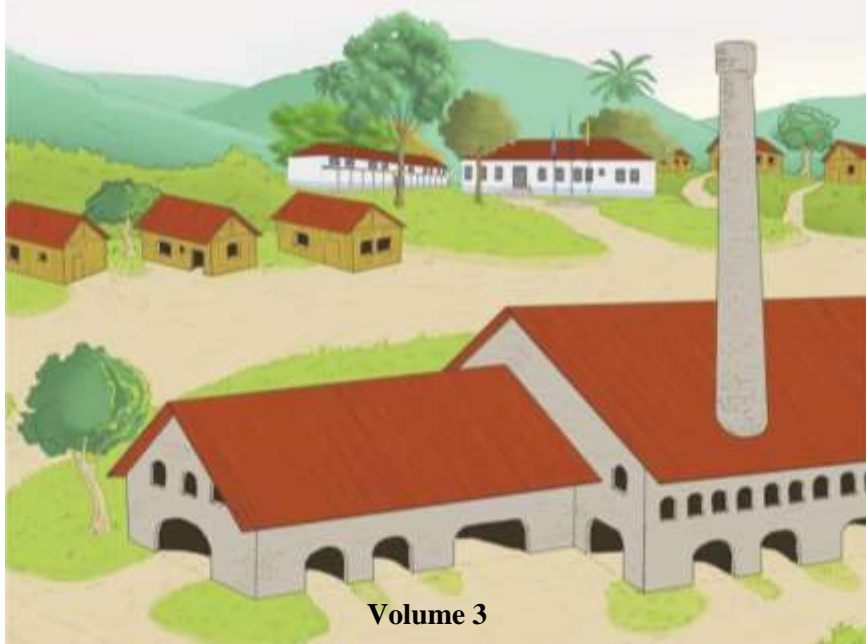
Foi uma pena o Grupo Escolar ter fechado as portas, aquele Grupo era um símbolo de uma boa educação, um modelo! Uma grande perda para a educação!

O cenário é construído pelas vozes que ecoam vozes essas repletas de lembranças, de situações inusitadas, complicadas e conflitantes. Fazem parte dessa história as enunciações da memória do que professoras dizem ter vivido. Assim, a partir das vozes o cenário vai ganhando forma, contornos, traços e cores.



Grasielly dos Santos de Souza
Mirian Maria Andrade Gonçalves

ENTRE A ROÇA E O DITADO: UMA NARRATIVA



Volume 3

SUMÁRIO

**Em meio à fuligem e ao pó do giz, um povo,
uma usina, uma escola: uma narrativa
..... 6**



APRESENTAÇÃO

Caro(a) Leitor(a),

Esse livreto faz parte do Produto Educacional: “Eu conto, tu contas, nós contamos: histórias sobre o Grupo Escolar Rural Usina Bandeirantes”, que compõem a pesquisa de mestrado intitulada: “Da fuligem à Edificação do Grupo Escolar Rural Usina Bandeirantes: narrativas que contam história(s).”



O livreto é composto por uma narrativa elaborada por meio das histórias e memórias de alunos e professoras que vivenciaram o Grupo Escolar Rural Usina Bandeirantes, tal escola compõe o cenário educacional rural. Por meio de suas vozes conseguimos conhecer os traços de uma cultura escolar da década de 1940.

Vozes que estampam um chão, um lugar, uma escola. Num campo assim, de várias memórias, registradas em vários textos inscreve-se essa história.



EM MEIO À FULIGEM E AO PÓ DO GIZ, UM POVO, UMA USINA, UMA ESCOLA: UMA NARRATIVA

Grasielly dos Santos de Souza

Esta narrativa, constituída a partir de e considerando várias outras narrativas, possui um teor que nos permite elaborar significados a partir dos acontecimentos tanto mencionados como os omitidos, a partir das emoções envolvidas nas ações da comunicação de identidades de personagens, comunidade e instituição.

Então sigo narrando... Porque nesta interlocução exercitaremos a curiosidade, a pronúncia, a partilha, a exposição. Enfim, aqui será um meio para a promoção de encontros que produzam sentidos. Neste cenário a narrativa pode ser a experiência que nos permite a ruptura de certas verdades cristalizadas. Aqui, a narrativa não se limita a meros adornos de linguagem, ou meras expressões de uma subjetividade, mas possui a potência de (re)descrever uma realidade. São “fluxos que arrastam cada um desses corpos [sujeitos] para outros lugares inéditos: um devir [...] são verdadeiras correntes de desterritorialização” (ROLNIK, 2011, p. 57).

Até aqui, a história poderia se enquadrar no padrão de muitas narrativas picarescas. Se Mark Twain a tivesse contado, ela acabaria soando como as aventuras do duque e do rei em Huckleberry Finn. Se tivesse saído da pena de Voltaire, teria se transformado numa série de insultos – apóstata, lacaio, ladrão, gigolô, vigarista – encadeados em parênteses rimadas, como em “Le pauvre diable”. Mas na versão de Rousseau a história

tem um caráter poético e estranho. É um idílio da inocência perdida. E possui uma dimensão social que escapou à atenção da maioria dos estudiosos (DARNTON, 2005, p. 128-129 apud NAKAMURA, 2017, p. 246).

Essa narrativa é apenas uma das muitas formas de relatar, contar, compor uma rigorosa – quase matemática – construção ficcional que se alimenta de poderosos saltos imaginativos configurados sob a visão de quem presenciou esta escola. Graças a eles, transcendemos qualquer fronteira: quem comanda a narração não é a voz, é o ouvido.

Como nas primeiras palavras que compõem essa história: “Como contar essa história”? Bom, podemos pensar que o início desta história poderia se dar com um “era uma vez”. Há em nossa cultura, um fascínio por essa expressão e ela exerce sobre nós um remontan ao passado, aos contos e às narrativas orais. O movimento que aqui elaboramos, busca explicitar um passado e ainda querendo

dizer sobre um passado numa forma narrativa. Parece que tudo conspira para começarmos desta forma, mas não!

Essa história não começa com um “era uma vez”, que num passe de mágica nos transporta, eu e você, para uma terra, um lugar muito distante, cheio de encanto, num tempo sem tempo, com personagens fabulosos e estranhos. Um mergulhar ao fundo do encantamento.

As terras (nem tão encantadas e nem tão distantes) em que se passam esta história é o Estado do Paraná, mais precisamente, o norte do estado do Paraná, no município de Bandeirantes. Num tempo, medido pelos minúsculos grãos de areia que escoam vagarosamente pela pequena fissura, silenciosamente as areias do tempo, sutilmente o tempo corre, escorre, faz com que os dias passem sem ser perceptível. Um passado contado e revivido pelas vozes que nos contaram fatos, que fizeram florescer a história por onde a poeira já fazia morada, se escondia, se silenciava. Escondidos sob as marcas temporais, as memórias, as lembranças, estavam esperando a chance de despertar e este

movimento de pesquisa ecoou feito um lampejo, como a brisa, o fertilizante necessário para que brotassem daquele chão, as histórias, pela arte de rememorar.

Terras conhecidas como terra vermelha, terra roxa, que fizeram surgir plantações de cana de açúcar e que, construiu uma usina de açúcar bem ali. Neste momento a porta se abriu, a população foi surgindo numa multidão e começaram a se instalar, veio gente de todo lado, construindo suas casas de madeira, simples e modestas, casas, casinhas, casarão... o tamanho era insignificante, lá cabiam todos e isso era dignificante, inúmeras delas, espalhadas pela extensão dessas terras, talvez, podemos dizer que essas eram, também, terras da esperança.

Um povo que trilhou na procura de versos livres, a evolução, aprendendo o tempo de plantar e de colher, num tempo que o tempo escorre, num tempo de 1940.

Neste tempo bem demarcado, de vida dura, a data foi um convite para todos. Em 1947, sobre essa terra se estendia um tapete da educação, uma escola: o Grupo

Escolar Rural Usina Bandeirantes, entre a poeira e a fumaça, entre a usina e a estrada, entre as casas e as passagens, dividindo nesse espaço a extensão de todos os quintais. Assim nasceu para aquele povo uma possibilidade de acesso à educação.

Nessa terra o dia começava cedo, pela janela os olhos enxergavam a beleza do mundo: era possível ver a fuligem que o vento assoprava e levemente descia até o solo. Toda janela era algum tipo de saída, de um olhar era possível percorrer, ao longe algumas colinas, um horizonte tão distante refletia nas pupilas a luz de uma educação. Construções que nasciam de madeira aqui, construções de madeira acolá, assim se desenhava uma colônia sem muitos traços e contornos, sem muita cor escolhida, a grande magia estava no fim da estrada de poeira, essas são as mesmas terras que mantinham todos ali, não era bom e não era mal, era a vida que se vivia, tanta coisa se podia ver por debaixo da janela, que até parecia um portal, que fazia logo

de manhã o trabalhador, a família, a moçada e as meninas, sonharem.

Poderíamos falar de quantas pedras eram feitas as estradas, da circunferência dos jardins, de quais lâminas de zinco ou telhas de barro eram recobertos os tetos, mas seria o mesmo que não dizer nada. A escola não era feita disso, mas das relações entre as medidas de seu espaço e os acontecimentos do passado: a distância do solo até um lampião e os pés de quem acordava cedo; o fio esticado do lampião à balaústra em frente e os caminhos que se percorriam; a inclinação de um canal que escoava a água das chuvas aos passos de quem caminhava; os rastros de quem ensinava, ao filho que sentava na carteira.

Agora contaremos o que a escola tinha de extraordinário: situava-se em um terreno seco, ao centro das casas de madeiras com teto de telhas que giram em torno de si como um novelo, ao lado de uma usina cinza de pedras, desdobrando roldanas, soltando fumaça, construções de diferentes alturas, ligadas por uma estrada

de poeira, ergueu-se com linhas e curvas arquitetônicas o prédio escolar. Eis o que se contava a respeito de sua fundação: homens e mulheres que trabalhavam nas terras, cortando cana, das mais diferentes raças, tinham um sonho, sonhavam em uma escola para seus filhos, assim o dono da usina decidiu construir uma escola como a do sonho.

Não se sabe qual mandamento induziu os fundadores a dar essa forma à escola, mas o que se sabe, com certeza, é que quando se pede seja a quem seja, que descreva sua vida escolar nessa escola, este sempre imagina a escola no meio das casinhas, talvez uma escola diferente, desfraldando estandartes e rastros, mas sempre construída a partir dessa combinação de elementos do espaço.

Pela estrada passavam todos e passava tudo, passavam os “boias frias”, passavam as clientelas, passavam as crianças, entre idas e vindas... estrada de poeira, eram aquelas que os levavam para o trabalho todas as manhãs, era a mesma estrada de terra vermelha que guardava no final a esperança florida, a escola. Por esse

caminho, sob o ar livre, de longe vinha a menina com suas vestes, roupas limpas, sem uniforme. Nessa escola em que não havia uniforme pelas condições que se encontravam a comunidade, o uniforme não tinha valor, o importante era essa escola ser acessível a todos. Assim faziam esse percurso, traziam em suas mãos o caderno, o lápis e a borracha. Por esse caminho vinha João, vinha Maria, vinha..., vinham todas aquelas crianças devagar surgindo pela curva da estrada.

Lá estava a escola, com os elementos tradicionais, capazes de vincular as novas gerações, num povo em formação, a sua terra, a sua gente e os seus antepassados. Não é menos verdade que o único meio de cultivar a personalidade é enraizá-la na tradição. O ambiente da escola, em que das linhas arquitetônicas à moldura dos jardins, da paisagem envolvente à decoração interior, tudo possa servir às sugestões de ordem e da harmonia e contribuir para despertar e desenvolver, na idade mais acessível, o sentido da beleza e da arte.

Ditas essas palavras abriu-se a porta e, ao entrar, o que viu causou espanto. Era uma escola com coordenadas espaciais e temporais, os olhos das crianças se encantavam com tudo. Seus olhos eram preenchidos com as formas da escola. Encantava-se, também, quem via o rosto dos alunos. Tinham o prazer de observar quantos traços diferentes entre si atravessavam a escola: traços retos sobre as pilastras, curvas sobre o quadro de giz, traços cobertos uns pelos outros, curvas sobrepostas, quantas variedades de formas de janelas apresentavam-se diante a escola, retangulares, quadradas, com meias-luas. Quantas espécies de pavimento cobriam o chão: de pedregulhos, de tijolos, de lajotas, de vermelho a vermelhão. Em todos os pontos, a escola oferecia surpresas para os olhos: um conjunto de vasos ao final do corredor, uma passadeira estendida pelo chão vermelho, salas de aulas com inúmeras carteiras de madeira. Na porta da escola, via-se as professoras, o olhar percorria as paredes, o corredor, como se fossem páginas escritas, que continha, que escondia. Feliz era aquele que

todos os dias tinha a escola que ensinava saberes ao alcance dos olhos e nunca acabava de ver as coisas que ela continha.

Para entender essa escola é preciso esquecer quase tudo que se sabe. Porque esquecer é se livrar dos jeitos de ser que se sedimentaram em nós e que nos levam a crer que as coisas têm que ser do jeito como são.

Salas de aulas bem poucas, dentro havia algumas carteiras, um quadro de giz e, bem à frente, a mesa da professora, ao fundo um armário, crianças separadas em grupos chamados “séries”, um chão vermelho, um corredor bem limpo ao meio uma passadeira, corredor este não tão comprido levava para a porta de entrada, do lado de fora um pátio, depois se tem as extensões de todos os quintais. Lembre-se que era preciso esquecer quase tudo que sabe sobre escola para se entender essa aqui. Então, nos arriscamos a dizer que sob a visão daqueles que vivenciaram esse Grupo Escolar, a escola era um luxo!

Ah! A passadeira, sempre a passadeira, é passagem, é regra, é a passadeira! Sem muito charme, mas na escola que ensinava saberes, ela ganhava um lugar de destaque. Ganha destaque, também, nas memórias. Frequentavam-se, passeavam-se, juntos ou isolado, deslizavam-se seus passos bem calculados, sobre a passadeira, nada de pisar fora. Aí, de pisar fora! Jamais, não podia pisar fora da passadeira, e todos obedeciam... é passagem, é regra, é a passadeira! E regras nessa escola são sempre obedecidas. Aos olhos de outros alunos, a passadeira era vista como sinônimo de limpeza. Limpeza, palavra que caracterizava muito essa escola, era possível notar desde o chão vermelho até a luz que iluminava, a limpeza também fazia morada nessa escola que ensinava saberes, em meio a fuligem, em meio a poeira. É passagem, é regra e também limpeza! Atravessavam a passadeira com passos equilibrados, chegavam à sala de aula, antes das professoras começarem a ensinar os novos saberes, havia o momento de rezar.

Todos em pé. Postura. Sem brincadeiras, era um momento de agradecer.

O pátio escolar, com um chão recoberto por tijolos que nos dias luminosos uma sombra refletia as folhagens, não havia nada de diferente, um espaço sem muito encanto para as crianças brincarem, nesse espaço contemplavam fascinados a Bandeira Nacional hasteada em seu mastro. Cantavam o Hino Nacional, esticavam o fio pendurado, subia a bandeira, todos enfileirados, permaneciam assim até a “terra amada, Brasil”! Muito bem delimitado, todos os dias antes das aulas começarem nessa escola que ensinava saberes, os alunos sabiam que esse ritual era necessário. Ao verem enfileirados não se distinguia qual é um qual é outro, todos bem comportados nessa vida rotineira sempre o mesmo itinerário: formavam a fila no pátio, cantavam o Hino Nacional e hasteavam a bandeira, depois, seguiam para a sala de aula tudo organizado um de cada vez, cuidado! Não pisem foram da passadeira! Todo dia se inicia e se guia pela passadeira, pelo hino e pela prece.

Por longo tempo, a escola foi um espaço em que os percursos eram traçados entre pontos suspensos no vazio, o caminho mais desejado para alcançar novos horizontes, os passos seguiam não o que se encontrava fora do alcance dos olhos, mas dentro, se entre eles continuava a parecerem mais alegres era porque uma certa hora do dia recebiam uma luz como daqueles lustres que ganham destaque na sala de estar.

A escola era um “modelo” de educação, era assim que todos viam aquela escola. Espaço que recebia durante as manhãs e as tardes todas as crianças que residiam em seu entorno. O soar do sino avisava que estava na hora de começar a aula, todos já sabiam que tinham que ir para a fila. Era assim que iniciava mais um dia de aula em que a gurizada aprendia novas lições na escola. Passadeira, hino, prece, badalar do sino, fila! Aprendiam números, contas, ler e escrever, a lição da vida, num tempo com tempo, a educação fez moradia e refletia a luz que procuravam. Nesse espaço localizado bem no centro das casinhas de

madeira, as crianças se aproximavam, estudavam com o que tinham, não importava o que diziam, era tudo assim, na simplicidade de um povo.

Chegando à sala de aula aquela criançada já sabia que naquele espaço não se permitia brincadeiras dissociadas, já estavam cientes, seja pelos pais ou pelos confidentes, que a hora de estudar era sagrada, nada de incidente, era permitido apenas estudar e obedecer. No espaço escolar, na sala de aula, nada muito sofisticado, se ensinava o básico, o essencial: ler, contar e escrever. E a obedecer!

Nas salas as professoras ensinavam saberes. Ah! As professoras, quem são elas? De onde vinham? Na luta diária pela felicidade, no cotidiano para quem ainda não sabe, em manhãs de cinzas, em tardes de sol e em noites sem estrela, lá vinham elas, dentro de ônibus ou penduradas num caminhão, elas também travaram grandes batalhas neste movimento de educação.

Assim chegavam à escola, todos os dias as professoras e com sua autonomia cultivavam o misterioso processo de ensino e de aprendizagem, folheavam e ensinavam folhear as cartilhas e os livros, desfiavam o que podiam usando o giz no quadro, letras, sílabas, palavras... números, contas, tabuada, era assim que elas alfabetizavam.

Uma série de virtudes proverbiais, antigas observadoras e não existe razão para crer que sejam inverídicos – professoras que atribuíram ao Grupo Escolar um constante sortimento de qualidades, quando comparando, claro, às escolas da cidade. Professoras que iam e vinham diariamente que até se tornou habitual e os defeitos e as dificuldades de ensinar na escola rural, perderam a excelência num ajuste de virtudes. Captaram uma imagem sólida e compacta da escola e o resultado foi o seguinte: era melhor trabalhar nessa escola do que uma escola da cidade. Assim, para as professoras que ali passaram, em certas horas, em certas estradas, surgiu a

suspeita de que ali havia algo de inconfundível, de raro, talvez até magnífico; sentiram o desejo de descobrirem o que era, por isso sempre enfatizavam que lecionavam numa escola em que não só crescia em função do nome e se deram conta da escola que cresciam sobre o solo.

Tocava um sino. Terminava o tempo da aula. As professoras saíam. Os alunos iam embora. Outros entravam. Começava uma nova aula. Novos saberes eram ensinados. Como as professoras ensinavam? Adentravam em rotinas de letras, números e muita leitura, o que se ensinava glorificava e transformava aquelas crianças em pessoas alfabetizadas. Da porta podia ouvir a professora tomando leitura, logo ao lado se ouvia a boa e velha tabuada, assim eram os saberes ensinados nessa escola. Separados por grupos, cada grupo aprendendo uma nova lição.

Saberes ministrados em tempos definidos, um após o outro, seja português ou matemática, sem recursos metodológicos apropriados e assim ia inventando

ferramentas e técnicas, à medida que se defrontava com a necessidade surgia um cartaz, algumas sementes, recursos poucos evidentes, lecionar era uma arte. Para que os alunos apreendessem tudo que se achava era utilizado, ensinar matemática com sementes, com grãos ou com qualquer outra plantação que se encontrava pelo chão, era uma tecnologia da época, números, contas de adição e subtração, a matemática ensinada dessa maneira era, para eles, uma inovação.

Provas. Re provas. Aprovação. Nessa escola a ordem era estudar, com as provas marcadas os alunos desfiavam seus cadernos, tudo era levado muito a sério. Chegou a prova de leitura, em suas carteiras prestavam a atenção, tudo bem sincronizado, começava a prova, no quadro, o texto para a leitura coletiva e individual, a professora que organizava: começava com um, terminava em outro. A diretora também aplicava provas, havia a prova oral: aluno por aluno, um de cada vez, seguia até a sala da diretora, chegavam suando frio de nervoso, hora da prova! A

diretora analisava a leitura, tomava a tabuada, perguntava sobre tudo, assim que a criança era cobrada e avaliada. Para alcançarem a aprovação todos corriam atrás, estudavam, decoravam, aprendiam, era assim que funcionava e no final se tinham os resultados: aprovado, aprovada...., Pode-se dizer que nessa escola não havia tanta reprovação. Na escola que ensinava saberes havia muita educação. Havia a passadeira, o hino, a prece, o badalar do sino, a fila, as provas, e a aprovação e reprovação.

Além dos saberes as professoras deixavam uma lição social: todos partilhavam de um mesmo espaço, de um mesmo mundo. Pequenos ou grandes eram companheiros numa mesma aventura. Todos ajudavam. Não havia competição. Havia cooperação. Ao ritmo de cada um a escola funcionava bem, o que se ensinava ao caipira lhe dava uma alegria, trocava o cabo do facão para pegar num lápis.

Nessa escola havia disciplina, concentração, alegria e eficiência. Tudo muito bem controlado, pela diretora.

“Olha! A diretora”! A primeira que chegava e a última que ia embora. Com seu jeito enérgico, bem respeitada, não dava mole para a criançada, ela era quem controlava tudo, bem delimitado, regras e deveres, nessa escola que se ensinava saberes. Feito o maestro que controla a sinfonia, essa diretora coordenava e controlava a disciplina, a educação, a falta de obediência e a bagunça, tocava a escola ao seu ritmo. Reconhecida pelas professoras, a diretora, sempre auxiliava e dava todo o apoio necessário para tudo e para todas, foi uma figura muito marcante para quem passou pela escola, seja para aluno ou para professora, ela deixou um legado de boa conduta, interpretou sua profissão sem dar espaço para controversas. Assim podemos chegar à conclusão que bastava percorrer pela escola para ver o respeito que havia pela diretora, em toda sua extensão, dentro ou fora, a figura da diretora. Não é possível ouvir sobre essa escola, sem ouvir sobre a diretora.

Saberes e nessa escola havia deveres, havia castigos e muita obediência, as crianças não desrespeitavam, sabiam

o que podiam e o que não podiam fazer. Ao saírem de suas casas os pais já desfiavam um rosário de sermões, nada de brigar ou desobedecer a professora. Desobedecer era palavra tão ouvida pela molecada, que o medo fazia morada, o respeito acima de tudo, nessa escola que ensinava saberes, os alunos eram educados, também para obedecer.

Para a comunidade a criação da escola foi o maior acontecimento, assim desenvolviam um espaço cultural na escola, que tinham como meta alargar os horizontes da infância, sendo um lugar especial onde a música, o desenho, os trabalhos manuais, a dança e o teatro fossem privilegiados. Momentos que reuniam todos: alunos, pais e comunidade, todos participavam! Chegou o dia de desfilar, todos bem preparados, família reunida, que responsabilidade! Era um momento muito esperado, roupas em dia, cabelos arrumados e um traje todo especial, meninas com suas saias bem engomadas e meninos com suas vestes formais.

Mas a escola não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das estradas, nas grades da janela, nas paredes do corredor, nas rachaduras do quadro de giz, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, grifos, entalhes, esfoladuras.

Essa escola que ensinava saberes, onde o caipira fez morada, desenvolveu um papel que enriqueceu quem pode ouvir sobre ela, muitas histórias e memórias essa escola deixou para quem ali passou, seja aluno ou professor, cada um guardou algo que marcou.

Quem a viu uma vez nunca mais conseguiu esquecer, como uma escola memorável uma imagem extraordinária nas recordações. A escola que ensinava saberes deixou sua propriedade permanecida na memória ponto por ponto, na sucessão das estradas de poeira e das casas de madeiras ao longo da fumaça, das portas e janelas das casas, demonstrando toda sua particular beleza ou raridade.

O seu segredo é o modo pelo qual o olhar percorre as figuras que sucedem como uma partitura musical da qual não se pode modificar ou deslocar nenhuma nota. Quem passou por seus bancos escolares, à noite, quando não consegue dormir, imagina caminhar pela estrada de poeira e recorda a sequência em que se sucedem, as casas de madeira, a porta de entrada, o chão vermelho, a passadeira, a travessa que leva ao pátio, o mastro com a bandeira, as salas de aulas, o quadro rabiscado, a usina de pedra cinzas soltando fumaça. Essa escola não se elimina da cabeça, é como uma armadura ou um retículo em cujos espaços cada um pode colocar as coisas que deseja recordar: nomes ilustres, virtudes, números, datas de batalhas, partes do discurso. Entre cada noção e cada ponto do itinerário pode-se estabelecer uma relação de afinidades ou de contrastes que sirva de evocação da memória.

Aqui nesta narrativa você foi convidado a visitar a escola como se estivesse observando uns velhos cartões-postais ilustrados que mostram como esta foi: a colônia se

encontra idêntica, mas com umas casas soltando uns pregos, outras faltando algumas tábuas, outras já desmoronaram. A janela ainda é a mesma, mas ninguém sonha por debaixo dela, a estrada de poeira o asfalto levou, dois caminhões no lugar das pessoas caminhando, a fumaça saindo da chaminé da usina continua a mesma. Ainda no centro das casinhas de madeira e do lado da usina se encontra a escola que ensinava saberes, porém não tão movimentada como antes, as pessoas que iam e viam, hoje dão lugar a alguns matos que crescem e escondem as paredes. Só agora reconhecemos a magnificência e a prosperidade da escola que ensinava saberes e ela pode ser apreciada através dos velhos cartões-postais, enquanto antes, não se via absolutamente nada de gracioso, que mediante o que se tornou pode-se recordar com saudades daquilo que foi.

Às vezes, os nomes dos habitantes permanecem iguais e o sotaque das vozes, e até mesmo os traços dos rostos. Agora a escola que ensinava saberes se tornou um

museu: os habitantes, os alunos e as professoras a visitam por meio das memórias, correspondem aos seus desejos, contemplam-na imaginando, percorrendo por cada lembrança e deslizando pela espiral das vivências em forma de caracol.

Em 1977 a escola se desbota, apagam-se os florões, os traços e as curvas perdem seus contornos. A escola que ensinava saberes definhou-se, desfez-se. Não há mais o Hino Nacional e o hastear da bandeira, não há mais a prece, o badalar do sino silenciou-se e não dispara mais a fila. Não há fila, não há regras, não há castigos, não há obediência, nem provas, nem a diretora! Perderam-se os documentos oficiais, mas há memórias, há histórias que não se perderam quando se fecharam as portas e as janelas do Grupo. A escola continuou, o Grupo continuou nas memórias. Continuou a passeadeira. Ah, a passeadeira... que passa, que leva, que continua viva em memória e suas distintas funções sempre permanecerão.

O cenário é construído a partir de e considerando várias outras narrativas, possui um teor que nos permite elaborar significados a partir dos acontecimentos tanto mencionados como omitidos, a partir das emoções envolvidas nas ações da comunicação de identidades de personagens, comunidade e instituição. Por meio das multiplicidades de experiências elaboramos uma entre as tantas possíveis narrativa.

